

ESTRATÉGIA DE ENSINO PARA TRABALHAR COM A DIVERSIDADE EM UM CURSO DE PEDAGOGIA

Marcolino Sampaio dos Santos
Universidade do Estado da Bahia

Gilma Benjoino Oliveira
Faculdade Uninassau

Jaciara de Oliveira Sant'Anna Santos
Universidade do Estado da Bahia

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar uma estratégia de ensino utilizada para trabalhar com o tema da diversidade em uma sala de aula do curso de Pedagogia da Faculdade Uninassau. O interesse por este tema se deu da experiência do professor do componente Currículo, Programas e Projetos na turma do quarto semestre do curso de Pedagogia e por presenciar durante as aulas nesta turma algumas manifestações de preconceito e intolerância entre os discentes. Para fundamentar este relato utilizamos documentos oficiais como: A Constituição Federal de 1988; a LDB – Lei de Diretrizes e Bases 9394/96; Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Utilizará ainda autores que debatem o tema como: (CANDAU, 2002), (CANDAU e MOREIRA, 2003), (LIMA, 2006), (HEERDT, 2003), (ANDRADE, 2009) entre outros. Constatamos que trabalhar a temática diversidade com a turma revela-se de grande importância para a formação dos acadêmicos de licenciatura em Pedagogia em virtude de que os mesmos além de estarem inseridos em um contexto onde a diversidade se faz presente de diversas formas eles deverão estar preparados para lidar com as diferenças que encontrarão como futuros professores. Os resultados evidenciam que após a culminância das atividades com a confecção de uma colcha de retalhos e uma roda de conversa sobre o tema as mudanças obtidas são percebidas no dia-a-dia dos alunos, pois muitas situações de preconceitos e intolerância foram abolidas da turma.

Palavras chave: Diversidade. Estratégia de Ensino. Formação de professor.

A diversidade é inerente à constituição humana e faz parte de todos os contextos sociais. Sendo assim, a sala de aula é um espaço onde a diversidade se manifesta em suas diversas formas: gênero, cultura, religião, ritmo de aprendizagem etc. Historicamente sempre houve problemas no contexto educativo em relação à diversidade e esse aspecto foi constatado no desenvolvimento das ações pedagógicas da disciplina “Currículo, Programas e Projetos” em uma turma de Pedagogia da Faculdade Uninassau em Vitória da Conquista Bahia.

A turma era composta por 23 discentes, sendo que, destes, 14 residem no mesmo município. Mesmo a maioria dos alunos sendo do mesmo município, é impossível não haver diversidade neste contexto, e como professores formadores precisamos estar atentos a esta questão, como pontua Lima (2006):

A diversidade é norma da espécie humana: seres humanos são diversos em

suas experiências culturais, são únicos em suas personalidades e são também diversos em suas formas de perceber o mundo [...] como toda forma de diversidade é hoje recebida na escola, há a demanda óbvia, por um currículo que atenda a essa universalidade. (2006, p. 17).

Não podemos ignorar o que acontece nas universidades em relação ao preconceito intolerância porque é de lá que sairão os futuros profissionais que atuarão no mercado de trabalho. Além desses futuros profissionais estarem inseridos em um contexto onde há uma gama de diversidade, futuramente como professores terão que saber resolver questões de intolerância em seu ambiente de trabalho e preparar os seus futuros alunos para saberem conviver com as diferenças. Para Sacristán (1988, p. 16) “é fato empírico que nós, seres humanos, somos diferentes uns dos outros do ponto de vista biológico, psicológico, social e cultural.

Ao analisarmos o significado da palavra diversidade, podemos constatar que, de acordo com o Mini-dicionário Aurélio (2001), diversidade significa: “1. Qualidade ou condição do que é diverso, diferença, dessemelhança. 2. Divergência, contradição (entre idéias, etc). 3. Multiplicidade de coisas diversas: existência de seres e entidades não idênticos, ou dessemelhantes, oposição”. Já Oliveira (2005, p. 4) traz a interpretação do termo diversidade mencionando que:

Quanto à interpretação fiel do termo diversidade mais a conjunção “da” remete-nos a esse conceito como algo inato, relativo ao grupo social e cultural de origem. Quando se usa diversidade “na”, o termo passa a ser interpretado como algo que só é produzido fora da pessoa e, assim, é dependente dos espaços e referências com as quais convive. Acreditamos que para além da gramática a questão da diversidade precisa ser entendida como a combinação de fatores inerentes à pessoa: origem familiar, geográfica e histórica e fatores externos, especialmente a relação com o outro.

A abordagem do termo diversidade torna-se de uma necessidade e de grande relevância nos cursos de formação de professores, Serbino e Grande (1995, p. 9), ressaltam que:

A formação do educador na atualidade precisa considerar, com grande seriedade os aspectos e requisitos diversos, de naturezas diferentes, que vêm constituindo o universo da instituição escolar e o universo cultural da clientela escolar que estão frequentando.

“Cada um de nós constitui uma individualidade única ao lado de outras tão singulares quanto a nossa”. Se estas diferenças não forem bem trabalhadas na escola tornam-se problemas, ao invés de oportunidade e estratégias de aprendizagens diferentes.

Discutiremos a seguir, a respeito das marcas da diversidade que estão presentes no curso de Pedagogia da UNINASSAU, bem como, os conflitos existentes entre os alunos.

Diversidade Religiosa

A maior parte da turma se denominam católicos, mas nesta mesma turma, há também evangélicos e dentre os evangélicos, há duas alunas que são adventistas e guardam o sábado. Tem ainda, alunos espíritas e outros que são adeptos do candomblé.

A intolerância religiosa foi percebida através da resistência e dos diálogos ofensivos entre os alunos católicos e os evangélicos, outra situação se deu quando as alunas Adventistas justificaram que elas não poderiam participar de uma atividade que aconteceria no sábado, quando tentamos entrar em acordo, alguns alunos reagiram negativamente dizendo que não seria justo fazer mudança por conta da religião. Verificamos ainda algumas atitudes de preconceito contra as alunas do candomblé e as espíritas. A intolerância era tamanha que havia até mesmo dificuldade na formação de equipes para a elaboração de algumas atividades. Todas estas situações geraram conflitos na sala de aula e atrapalharam a harmonia da turma.

O preconceito, assim, constitui-se em um mecanismo eficiente e atuante, cuja lógica pode atuar em todas as esferas da vida. Os múltiplos preconceitos de gênero, de cor, de classe, etc. têm lugar tipicamente, mas não exclusivamente, nos espaços individuais e coletivos, nas esferas públicas e privadas. Fazem-se presentes e mimagens, linguagens, nas marcas corporais e psicológicas de homens e de mulheres, nos gestos, nos espaços, singularizando-os e atribuindo-lhes qualificativos indenitários, hierarquias e poderes diferenciais, diversamente valorizados, com lógicas de inclusões e exclusões consequentes, porque geralmente associados a situações de apreciação/ depreciação/ desgraça. [...] Pelo fato de o preconceito ser moralmente condenado e discriminação ser juridicamente sujeita à punição, suas manifestações tornaram-se cada vez mais sutis, disfarçadas, o que dificulta a reunião de provas que tenham validade jurídica. (BANDEIRA E BATISTA 2002, p.6).

A liberdade religiosa é um dos direitos fundamentais da humanidade, como afirma a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) em seu art.XVIII:

Toda pessoa tem o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou particular. (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948).

A própria Constituição Brasileira (1988) em seu art. 5º, inciso VI diz: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias.” (BRASIL, 1988, p. 5).

Partindo do princípio de que o Brasil é um país laico, ou seja, que prima pela não permissão de símbolos ou expressões religiosas em espaços públicos, garantindo a neutralidade religiosa e o pluralismo da sociedade brasileira, faz-se necessário que toda escola pública desenvolva um trabalho que promova a discussão sobre valores e princípios éticos de convivência, respeitando a diversidade religiosa presente no seu âmbito. “Segundo Heerdt, (2003, p. 34)”. É fundamental que as escolas incentivem os educandos a conhecer a sua própria religião, a ter interesse por outras formas de religiosidade, valorizando cada uma e respeitando a diversidade religiosa, sem nenhum tipo de preconceito. Quando o assunto é fé e religião, nem sempre existe uma sensibilidade e respeito. As manifestações de intolerância em nome da religião ou com base na religião estão na origem das maiores violações de direitos humanos de que há memória e têm sido um dos principais motivos de constante de violência em suas formas diversas.

Diversidades Culturais

Em relação a origem dos alunos desta turma, pode-se afirmar que é uma turma mista, pois alguns vieram da zona rural e outros são oriundos da região periférica da cidade e uma aluna quilombola. Naturalmente neste contexto há uma diversidade cultural muito grande.

A diversidade marca a vida social brasileira. Diferentes características regionais e manifestações de cosmologias ordenam de maneiras diferenciadas a apreensão do mundo, a organização social nos grupos e regiões, os modos de relação com a natureza, a vivência do sagrado e sua relação com o profano. O campo e a cidade propiciam às suas populações vivências e respostas culturais diversas, que implicam ritmos de vida, ensinamentos de valores e formas de solidariedade distintas. (BRASIL, 2000, p.125).

A respeito deste quesito também já presenciamos situações de preconceito para com os alunos do campo, principalmente preconceito linguístico, quando separa grupos para realização de alguma atividade alguns alunos do campo acabam sendo excluídos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, lançados pelo Ministério da Educação, na gestão do presidente Fernando Henrique Cardoso nos anos de 1997 e 1998, enfatizam a

Pluralidade Cultural como um dos Temas Transversais a ser incorporado aos currículos das escolas (BRASIL, 1997, 1998). Outro documento oficial, lançado no ano de 2004, já na administração do Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, foi a Lei 10.639/032 que incorpora à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas de todo o país.

Muitos indivíduos têm dificuldade em perceber, aceitar e respeitar a diversidade presente na sociedade, Segundo Candau (2002, p.4) com a globalização predominaria a tendência de que “[...] as expressões particulares fossem substituídas por linguagens gerais, uniformes, homogeneizando indivíduos e grupos [...]”.

A universidade, assim como a escola, atende em seu cotidiano, muitos alunos advindos de diversos grupos, entre eles, possui os alunos do campo com sua cultura e seus valores que precisam ser reconhecidos e valorizados, pois são muitas as influências e contribuições trazidas por eles, principalmente em relação ao trabalho, a história, o jeito de ser, os conhecimentos e experiências, etc.

As questões relacionadas à cultura precisam ser desenvolvidas nas práticas e nos currículos levando em consideração a pluralidade da escola o que “requer do professor nova postura, novos saberes, novos objetos, novos conteúdos, novas estratégias e novas formas de avaliação” (CANDAU e MOREIRA, 2003, p.157).

As pessoas que vivem no campo têm sua cultura, seus saberes de experiência, seu cotidiano. Os alunos advindos do campo precisam se sentir parte do processo e terem o seu valor reconhecido pela sociedade, a começar pela escola, que trabalha no sentido de desenvolver a humanização e a emancipação dos cidadãos.

Diversidade política

Outro momento que a falta de tolerância ficou perceptível foi durante o processo eleitoral de 2018. Estas eleições foram atípicas, no que diz respeito o surgimento de novos partidos, o rancor, a propagação das *Fakes News* e, conseqüentemente, a polarização em todo país. O que se percebe nesta dinâmica é a proliferação da intolerância e muitos casos de violência em suas diversas formas.

O risco permanente é a intolerância. Ela reduz a realidade, pois assume apenas um polo e nega o outro. Coage a todos a assumir o seu polo e a anula o outro, como o faz de forma criminosa o Estado Islâmico e a Al Qaeda. Ofundamentalismo e dogmatismo tornam absoluta a sua verdade. Assim lesse condenam à intolerância e passam a não reconhecer e a respeitar a verdade do outro. O primeiro que fazem é suprimir a liberdade de opinião, o

pluralismo e impôr o pensamento único. Os atentados como o de Paris têm por base esta intolerância. (BOFF, 2015, p1)

As discordâncias política entre os alunos do curso de Pedagogia é algo tão grave, que detecta-se alunos que não se falam entre eles, inclusive já tendo havido episódios de diversas brigas entre alunos tanto em sala de aula como no pátio no durante o intervalo. Não é rara a impossibilidade de realização de atividades em grupo, em virtude dessas divergências, porque alguns alunos se negam a participar de atividades coletivas onde exista alguém da oposição.

Diversidade no ritmo de aprendizagem

Boa parte dos alunos do curso de Pedagogia são estudantes que não tiveram uma base no Ensino Médio. Outros, pelo fato de residirem no campo não tiveram e muitos ainda não têm acesso à tecnologia, porém há uma minoria que foi contemplada com um bom Ensino Médio, tendo acesso aos meios tecnológicos. Estes, por residirem na cidade e tem acesso à tecnologia muitas vezes apresentam mais facilidade no domínio de alguns conteúdos. Nessa turma, essa vivência, no entanto, não serve como objeto de compartilhamento do conhecimento, e, na verdade, servem para discriminação dos alunos com menor rendimento, causando situações constrangedoras e de conflito na sala de aula.

Pesquisas mostram, que ao trabalhar com uma turma composta por alunos que possuem diferentes ritmos de aprendizagem, turmas heterogêneas, o ideal é que os alunos tenham as mesmas oportunidades, porém, essas podem ser aplicadas de forma diferenciada, dependendo do ritmo de cada um, o importante seria que todos se sentissem inseridos no processo de ensino aprendizagem.

Outras divergências existentes entre os alunos do curso de Pedagogia são aquela criminalizadas, como de gênero, geracionais, cor e raça, mas neste relato optamos em destacar somente aquelas em que há evidências de preconceito e intolerância, de forma que o foco principal no desenvolvimento da atividade foi justamente sobre os principais pontos onde há manifestação da intolerância, isto porque nos alinhamos afirmação de que,

Uma educação para a tolerância parte tanto do reconhecimento do valor absoluto de cada ser humano – único, distinto, singular–como da obrigação moral de, pelo diálogo, construir normas éticas comuns e compartilhadas (universais) para garantir, sem mais, a pluralidade deste mesmo ser tão particular. Educar para a tolerância apontaria assim para a universalidade das normas morais e para a

particularidade de cada ser humano como um será absolutamente valioso (ANDRADE, 2009, p. 206).

Diante das atitudes de intolerância e preconceito presentes na turma de Pedagogia, me senti desafiado, enquanto educador, a buscar um melhor caminho para seguir, para se trabalhar com a diversidade em uma turma de futuros professores, onde alguns já desempenhavam esta atividade. O desafio seria mostrar que a diversidade é uma oportunidade de abertura para novas experiências, novos aprendizados, e não uma ameaça. No ambiente da sala as diferenças são inevitáveis. A este respeito, Aquino (1998, p. 63-64), ressalta

A heterogeneidade característica presente em qualquer grupo humano, passa a ser vista como fator imprescindível para as interações na sala de aula. Os diferentes ritmos, comportamentos, experiências, trajetórias pessoais, contextos familiares, valores e níveis de conhecimento de cada criança (e do professor) imprimem ao cotidiano escolar a possibilidade de troca de repertórios, de visões de mundo, confrontos, ajuda mútua e consequente ampliação das capacidades individuais.

Como professor desta turma, foi perceptível o fato de que já houve vários problemas ocasionados pelas diversidades. Situações de preconceito, intolerância e, até mesmo, casos de manifestação de violência e exclusão. Não há como se calar diante de atos de intolerância, pois a escola é o espaço de formação de cidadania mais importante nas sociedades atuais e torna-se imprescindível incluir em seu currículo e debater temas que englobam a diversidade. A esse respeito, Araújo salienta que:

[...] a escola precisa abandonar o modelo no qual se esperam alunos homogêneos, e incorporar uma concepção que considere a diversidade tanto no âmbito do trabalho com os conteúdos escolares quanto no das relações interpessoais. É preciso que a escola trabalhe no sentido de mudar suas práticas de ensino visando o sucesso de todos os alunos, pois o fracasso e o insucesso escolar acabam por levar os alunos ao abandono, contribuindo assim com um ensino excludente. (ARAÚJO, 1998, p. 44).

A universidade não é apenas um lugar onde se exerce a forma de aprendizado secular. Nela também se aprende através dos debates, do diálogo e da troca de conhecimentos empíricos. Partindo desse pressuposto, um momento oportuno para se discutir a temática com a turma foi quando fomos trabalhar com o tema “Currículo e Diversidade”. Moreira (2001) sugere no nosso papel de professores, três aspectos importantes a desenvolver na prática pedagógica, perante a diversidade:

1º - que nos voltemos tanto para dentro, para a prática, como para fora, para as condições sociais e culturais em que a prática se desenvolve e contribui para a formação das identidades docentes e discentes; 2º - que questionam

tanto as desigualdades como as diferenças identitárias presentes na sala de aula, buscando compreender e desequilibrar as relações de poder nelas envolvidas; 3º - que estimulem a reflexão coletiva, propiciando a formação de grupos de discussão e de aprendizagem nas escolas, por meio dos quais os professores apoiam e sustentam os esforços de crescimento uns dos outros, bem como articulações entre diferentes escolas, entre as escolas e a universidade, entre as escolas e distintos grupos da comunidade. A ideia é que o professor reflexivo preserve a preocupação com os aspectos políticos, sociais e culturais em que se inserem sua prática, leve em conta todos os silêncios e todas as discriminações que se manifestam na sala de aula, bem como amplie o espaço de discussão de sua atuação. (p.49).

Em consonância com o pensamento de Moreira, o primeiro passo para o desenvolvimento da atividade foi a leitura e fichamento do livro “Documentos de Identidades”, de Tomaz Tadeu da Silva, depois da leitura e do fichamento foram promovidas rodas de conversa focando o capítulo do livro que faz referência à identidade. Para a aula seguinte foram solicitados a partilharem pedaços de tecidos diversos, agulhas e linhas para a realização de uma oficina.

Para culminância dessa atividade foi proposto pelo professor a confecção de uma colcha de retalhos pelos alunos utilizando os tecidos que os próprios alunos trouxeram. No início houve resistência, principalmente por parte dos homens, que chegaram até a comentar “costurar é coisa de mulher”. Mas de acordo com o desenvolvimento da atividade todos foram se inserindo.

Após a confecção da colcha foi feita uma exposição onde cada aluno relatou os detalhes da colcha: cor dos tecidos, textura, tamanho de cada retalho, qualidade dos tecidos, preço, tipo de costura, estampa etc. Diante da fala de cada aluno, eles mesmos chegaram à conclusão que aquela colcha representava muito bem a diversidade. No prosseguimento da atividade, foi feita a leitura de alguns textos sobre a temática e abriu-se um espaço para conversa, onde cada discente teve a oportunidade para relatar a de preconceito e intolerância vividos por eles. Foi um momento muito comovente e emocionante, uma oportunidade para os alunos refletirem as atitudes de preconceitos existentes na turma. Em seguida, abriu-se a discussão sobre o tema e a visão de diferentes autores sobre o respeito e tolerância à diversidade.

A tolerância é, antes de mais nada, uma exigência ética. Ela representa o direito que cada pessoa possui de ser aquilo que é e de continuar a sê-lo. Esse direito foi expresso universalmente na regra de ouro “Não faças ao outro o que não queres que te façam a ti”. Ou formulado positivamente: “Faça ao outro o que queres que te façam a ti”. Esse preceito é óbvio. O núcleo de verdade contido na tolerância, no fundo, se resume nisso: cada pessoa tem direito de viver e de conviver no planeta Terra. Ela goza do

direito de estar aqui com sua diferença específica em termos de visões de mundo, de crenças e de ideologias. Essa é a grande limitação das sociedades europeias: a dificuldade de aceitar o outro, seja árabe, muçulmano ou turco e na sociedade brasileira, do afrodescendente, do nordestino e do indígena. As sociedades devem se organizar de tal maneira que todos possam, por direito, se sentir incluídos. (BOFF, 2015, p.1).

Lutar contra o preconceito é uma decisão que precisa ser encampada pela coletividade. Não é uma responsabilidade só de quem é discriminado. É preciso que os alunos aprendam a repudiar todo e qualquer tipo de discriminação, seja ela baseada em diferenças de cultura, raça, classe social, nacionalidade, idade ou preferência sexual, entre outras tantas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil é um país rico em diversidade, porém isto não pode ser visto como um problema no contexto educativo, mas ao contrário, como uma grande oportunidade de aprendizagem através de experiências diferentes. No contexto educacional, os debates sobre diversidades não raro ocorrem de forma acalorada e, conforme já mencionado, faz-se necessário um mapeamento institucional, tanto para detectar os debates quanto para esclarecer que eles devem, sim, ocorrer e como devem acontecer e, acima de tudo, fazer compreender

No contexto do ambiente de ensino, seja educação básica ou ensino superior, observamos que ainda há uma crescente intolerância religiosa, cultural, política e até mesmo no comparativo com ritmos de aprendizagem. No contexto do ambiente de ensino, seja educação básica ou ensino superior, observamos que ainda há uma crescente intolerância religiosa, cultural, política e até mesmo no comparativo com ritmos de aprendizagem.

As manifestações culturais vividas nas crenças, valores, costumes, ritos, danças e outros elementos, na particularidade de um povo torna-se em nosso país cada vez mais vasta devido ao processo de colonização que formou uma população miscigenada com uma grande quantidade de descendentes de várias partes do mundo. Isso mobiliza a instituição para olhar para a mesma, sem perder o sentimento e a composição de que todas, são promotoras e marcam a identidade dos grupos aos quais se destinam e, se originam.

É papel da Universidade trabalhar com o tema diversidade, adequando o currículo com o multiculturalismo, oferecer subsídios aos professores para auxiliá-los na condução de sua prática pedagógica, tornando-os seres humanos mais tolerantes e conseqüentemente exercer sua profissão com a responsabilidade de preparar a futura geração para conviver com o

diferente de forma mais harmônica conscientes de que a diversidade é peculiaridade da existência humana.

Trabalhar com uma proposta de diversidade, propiciando oportunidades de inclusão a todos os alunos na escola, não é uma tarefa fácil, uma vez que não se resume apenas na garantia do direito de acesso. É preciso que lhes sejam garantidas as condições de permanência e sucesso na escola.

O estudo aqui realizado, compartilhando a experiência de uma aula sobre currículo e diversidade e a dinâmica aplicada com a construção de uma cocha de retalhos pode contribuir para superação do preconceito e intolerância que existiam entre os alunos do curso de Pedagogia da Faculdade UNINASSAU. A ação do professor diante da situação ressignificou a posição dos estudantes e, com ela a reflexão sobre a importância e a riqueza da diversidade, principalmente quando alicerçada por uma variedade de elementos.

Assim, concluímos que a construção do conhecimento na Educação Contemporânea deve ocorrer coletivamente e estar voltada para questões que contemplem as diferenças, ou seja, a diversidade humana que compõe a universidade e o interior de cada sala de aula

Referências

ANDRADE, Marcelo. **A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas.** In: Revista Brasileira de Educação, volume 15, nº 43, 2010.

AQUINO, Júlio Groppa. **Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas.** 2. ed. São Paulo: Summus, 1998.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas.** 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

BANDEIRA, Lourdes. E BATISTA, Analía Soria. **Preconceito e discriminação como expressões de violência.** Ver. Estud. Fem. Vol.10, nº 1, Florianópolis, Jan, 2002.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual.** 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000b.164p.

BRASIL. **Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino.** Diário Oficial da União, Brasília: MEC, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais. 1. e 2. Ciclos-Ensino Fundamental**. Brasília: MEC,1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996.

BOFF, Leonardo. **A intolerância no Brasil atual e no mundo**. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2015/01/22/a-intolerancia-no-brasil-atual-e-no-mundo/>. Acesso em 08 de abr.2021.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. **Educação Escolar e Cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, Brasil, v-, n.n.23,2003.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 de dezembro 1948. Disponível em: <https://www.dudh.org.br/wpcontent/uploads/2014/12/dudh.pdf>. Acesso em:09 abr. 2021.

HEERDT, Mauri Luiz, Coppi. Paulo de. **Como Educar Hoje? Reflexões e propostas para uma educação integral**. São Paulo: Mundo e Missão, 2003.

LIMA, Elvira S. **Atividades de Estudo**. São Paulo, Editora Sobradinho 107, 2006.

Moreira,A.F.B.**Currículo,culturaeformaçãodeprofessores**.RevistaEducar,Editorada UFPR,n.17Curitiba,2001.

OLIVEIRA, Camila Alberto Vicente de. **Formação de professores: identidade e “mal-estar docente”**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.

SACRISTÁN, G. J. O. **Currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 1988

Sobre os autores/as:

Marcolino Sampaio dos Santos

Doutorando do Programa de Pós Graduação em Ensino (PPGENSINO), Universidade do Vale de Taquari-UNIVATES. Docente da UNEB, Campus XX, Brumado, Bahia. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Movimentos Sociais, Diversidade e Educação do Campo e Cidade GEPEMDECC/ /UESB/BA, com registro no CNPQ. E-mail: marcokerigma3@hotmail.com

Gilma Benjoio Oliveira

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), UNEB. Coordenadora e Docente Faculdade UNINASSAU-Vitória da Conquista. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Movimentos Sociais, Diversidade e Educação do Campo e Cidade GEPEMDECC/UESB/BA, com registro no CNPQ. E mail: gbenjoio@yahoo.com.br

Jaciara de Oliveira Sant'Anna Santos

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), UNEB. Docente do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, UNEB, Campus XX, Brumado, Bahia. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Movimentos Sociais, Diversidade e Educação do Campo e Cidade GEPEMDECC/UESB/BA, com registro no CNPQ. E-mail: jaciarasantanna@yahoo.com.br